

Bresser reitera que não aceita pressão

ECONOMIA • 17

de bancos

RÉGIS NESTROVSKI
Correspondente

O Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, afirmou ontem em Nova York que o Brasil pode viver sem um acordo com os bancos, garantiu que não fará mais nenhum acerto provisório com os credores e repetiu: o Brasil só voltará ao FMI depois que negociar com os bancos.

— O Brasil pretende voltar ao FMI só depois que houver um acerto com os bancos. As agências oficiais, o Clube de Paris insistem que o Brasil faça um acordo com o FMI, uns de forma explícita, outros de forma implícita como é o caso do Banco Mundial e dos japoneses. Agora, não faz sentido os bancos fazerem um acordo só se o Brasil for ao FMI. Se fizerem isso como condição, então não haverá acordo. Estamos pedindo que os bancos financiem 60% da parte deles, não tudo. No caso das agências multilaterais, o montante de financiamento dos juros será de 80%. Nós estamos mantendo nossa proposta inicial do acordo, como pedimos no dia 25 de setembro, ou seja, cerca de US\$ 10,4 bilhões, perdão através de títulos, um **spread** abaixo do pago pela Argentina e pelo México, uma proteção contra a alta dos juros. Agora o Brasil pode viver sem um acordo — continuou o Ministro.

O Ministro Bresser Pereira teve o seu ponto alto do dia no almoço da New York State International Affairs, no River Club, com participação de 60 banqueiros e empresários. O assunto foi a dívida externa.

— A conferência basicamente foi quanto à dívida e eu usei a frase de um uruguaio da reunião de Acapulco, que dizia que a dívida tem que ser paga mas não pode ser paga. Mostrei a crise fiscal e estrutural do



Ministro não quer acerto provisório

setor público brasileiro. O que estamos pedindo é que a partir de janeiro haja um refinanciamento imediato dos juros que vencem de janeiro a julho de 1988 feito pelos bancos. A moratória não terminou. Eu não faço mais acordo provisório. O último foi por causa de um problema do governo americano (Icerc, a comissão de reclassificação de crédito do governo americano). Durante a palestra fiz ver a crise da capacidade de pagamento do Brasil dentro de uma recessão. Fiz uma divisão em três partes da dívida. A primeira em 1982 foi a austeridade, em seguida veio a austeridade com crescimento e atualmente estamos na terceira etapa de renegociação, acrescentou Bresser Pereira.

O Ministro estava acompanhado do Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e do Assessor Especial da Fazenda para a dívida, Fernão Bracher. Bresser estava confiante numa renegociação da dívida.

— Esta negociação, pela primeira vez é para um período de três anos ao invés de um ano como era feito no passado, disse o Ministro.